



Logo na edição inicial de 1996 - e 18ª desde o início do jornal – o Tribuna Ribeirão encarou sua primeira grande cobertura. No meio da tarde de 5 de janeiro, uma sexta-feira, presidiários armados com revólveres e duas granadas renderam dois policiais civis e exigiram uma camionete para fugir da Cadeia de Vila Branca – desativada em 2002, quando foi transformada em penitenciária feminina. Um dos detentos morreu, baleado pela polícia ao tentar “denotar” uma das granadas. A tentativa de fuga durou quase 94 horas. Por isso, como o jornal era semanal, o desfecho só foi publicado na edição seguinte, em 13 de janeiro – o início foi destaque logo no dia seguinte, sábado, dia da semana em que o Tribuna chegava às bancas e aos assinantes. Como ainda não tinha circulação diária, o jornal compensava o ‘atraso’ temporal com matérias especiais, indo além do factual divulgado pela imprensa no dia a dia. Em 11 páginas, com direito a logotipo de cobertura especial (“Fuga Frustrada”), o impresso reviveu todos os passos daqueles dias, traçou perfis dos presidiários, registrou o trabalho dos colegas da imprensa e ainda em-

Fuga frustrada em Vila Branca

REPRODUÇÃO / TRIBUNA RIBEIRÃO



Ação em Vila Branca reuniu mais de 150 policiais

placou uma entrevista exclusiva com o principal personagem daquela epopeia, o investigador Luís Carlos Molina – que hoje, quase 30 anos depois, volta às páginas deste Tribuna. Como começou a rebelião ninguém soube ao certo. O próprio jornal registrou à época, “existem várias versões”. Seja como for, após a morte de um deles, que tinha uma granada nas mãos e foi abatido em confronto com os

guardas, o plano de fuga frustrado e a desistência de três detentos, restaram outros dois e número igual de policiais civis – um deles, Aloísio de Oliveira, foi libertado na noite de sábado. E assim começaram as negociações de resgate, que envolveram mais de 150 policiais civis e militares - “armados de fuzis AR-15, metralhadoras, carabinas Puma, pistolas automáticas e cartucheiras

calibre 12” -, entre eles o delegado do GER | Grupo Especial de Resgate, Fábio Dalmas, e até o delegado-geral de São Paulo, Antônio Carlos de Castro Machado. Depois de várias idas e vindas, corre-corres e informações desencontradas, a “Fuga Frustrada” chegou ao fim às 12h59 de terça-feira, 9 de janeiro, com a rendição de André de Oliveira e Anderson Teixeira.

Depois disso, Molina ainda trabalhou na Polícia Civil até se aposentar, em 2010.

Seminarista

Um dos presidiários, André Oliveira, então com 21 anos, havia sido seminarista em Brasília, cidade onde nasceu. Foi expulso antes de concluir o seminário menor, equivalente ao segundo grau. Na época ainda não havia sido condenado pela Justiça e estava preso na Cadeia de Vila Branca pelo furto de uma caminhonete. Em entrevista logo após a rendição, afirmou que ver o choro dos pais foi determinante para que se rendesse. Dona Conceição, a mãe, também teve o reconhecimento do delegado Fábio Dalmas como sendo uma das pessoas mais importantes na negociação. “Apesar de estar preso, meu filho é bom e não vai fazer mal a ninguém”, garantia aos jornalistas.

Imagem capturada pelo Aqui e Agora, noticiário policial do SBT de sucesso na época, mostrou o desespero de dona Conceição ao implorar para que o filho soltasse Molina. “Deixa a mãe falar: você está querendo morrer, não é mesmo, meu filho? Então solta este homem, pelo amor de Deus, ele é pai de família. A mãe dele está doente, ela é mais velha do que eu. Não faça isso com a vida de um pai de família”. Mais tarde, já no 6º Distrito Policial, André afirmaria que em momento algum pensaram em matar o policial, que também teve papel fundamental na decisão. “Nós nos rendemos devido ao pedido do Molina, que é um homem de muita palavra, um pai de família e, acima de tudo, um ser humano”.

Reféns da notícia



REPRODUÇÃO / TRIBUNA RIBEIRÃO

Imprensa participou ativamente da cobertura da rebelião

A rotina dos colegas nessas 94 horas de rebelião foi destaque na cobertura do jornal. A matéria, cujo título é repetido hoje, conta que o repórter Luís Cláudio Alba, então no Sistema Clube de Comunicação e depois neste Tribuna por muitos anos, foi o primeiro a chegar. “Passava pelas imediações e estava com um aparelho HT sintonizado na frequência da polícia”. Transformando o pátio externo ao presídio, sob as árvores, em uma sala de imprensa improvisada, repórteres do impresso, rádio e televisão, também viveram uma rotina diferente naqueles dias. “Foi uma novidade para todo

mundo. Frequentar cadeia não era algo que eu gostava, ninguém gostava. A tensão era muito grande, a gente ouvia uma gritaria vindo de dentro da Vila Branca”, relembra o jornalista Marcos de Assis, que apresentava o jornal da rádio Clube e era correspondente do Diário Popular e da rádio CBN. A polícia repassava poucas informações e os jornalistas tinham que se virar como podiam. Foi assim que o número do celular do investigador Luís Carlos Molina foi usado pela imprensa – mais de uma vez – para chegar direto aos presidiários. Mas a prática também valeu um dos raros momentos de descontra-

ção daqueles dias. Talvez o único. Estrategicamente posicionado de onde via a colega, mas sem que ela o identificasse, Marcos de Assis ligou para uma das jornalistas que acompanhavam a cobertura. “Falei que era um dos bandidos e ela ficou toda empolgada, achando que realmente se tratava de um deles. Esperei ela contar para todo mundo para estava conversando, toda animada, depois eu desmenti. Vai que ela escreve para o jornal né?”, diverte-se o jornalista. Daqueles dias, além da amizade e a experiência, ficou a foto, que estampou a matéria no Tribuna Ribeirão e é um retrato do jornalismo de 30 anos atrás.

30 anos depois

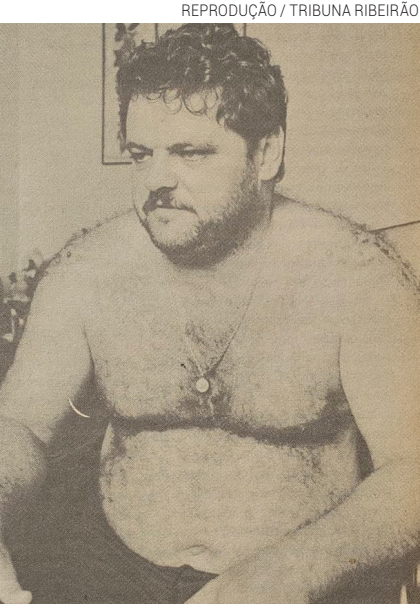
Aposentado, Molina hoje cria galinhas

Pouco depois de deixar o cativeiro e antes de reassumir o trabalho, o investigador Luís Carlos Molina, então com 37 anos, recebeu o Tribuna Ribeirão em sua casa para uma entrevista exclusiva. Em quatro páginas, ele contou em detalhes como foi a experiência, a qual não desejava nem a um inimigo, “se é que os tenho”. Segundo Molina, os detentos que participaram da rebelião haviam “se despedido da família” na visita anterior. “A cadeia inteira sabia (da intenção). A resposta dos outros presos era a seguinte: é a sua

cara, vocês é que sabem. Os familiares não avisaram a polícia porque quem fizesse isso seria tratado como traidor”, conta. Como os dois rebelados não sabiam dirigir, o investigador seria o responsável por dirigir a camionete no caso de fuga. A ideia, lembra, era saltar do veículo. “Tinha um plano: saio e quando chegar num lugar seguro abro a porta a fujo”. Matar André e Anderson também chegou a passar pela cabeça de Molina. Após simular uma discussão com um delegado, que estava negociando com eles, ganhou a con-

fiança dos bandidos, que ‘relaxaram’. “Olhei de lado e vi que eles deixaram um revólver calibre 38, carregado até a boca, em cima da cama. Comecei a me arrastar de lado para chegar à arma. Quando faltava um pedacinho para alcançar vi que o Anderson colocou a arma na cabeça do Aloísio (o outro policial refém). Desisti. Mas ia matar os dois, com muita frieza. Pá, pá”. Passadas três décadas, Molina relembra a situação como uma página virada. Por algum tempo, as cenas ainda voltavam sempre à memória. Depois, passou. Seguiu a

vida. “Quando entrei para a polícia sabia que poderia ser vítima de algo assim. Passei antes por várias situações de perigo, nunca me assustei”, disse ele, pelo mesmo número de celular que há 30 anos os detentos usaram para conversar com a imprensa durante a rebelião. Aposentado da polícia desde 2010, vive uma nova rotina. O futebol ocupa lugar de destaque. “Torço por dois times, o Palmeiras e por quem jogar contra o Corinthians”. “Estou ‘de boa’. Mexo com uma área rural e vou continuando a vida, criando minhas galinhas”, completa.



REPRODUÇÃO / TRIBUNA RIBEIRÃO

Molina: investigador ficou 94 horas como refém

“Eu ia matar os dois, com muita frieza. Pá, pá”.
Luís Carlos Molina, investigador, 1996

“Vou continuando a vida, criando minhas galinhas”.
Luís Carlos Molina, aposentado, 2025

“Você está querendo morrer, não é mesmo, meu filho?”.
Dona Conceição, mãe do detento André Ramos de Oliveira

“Esse delegado fala pela bunda, deveria ser repórter, não policial”.
Investigador não identificado, ao se referir a um dos decanos da categoria. Na edição do Tribuna de 13/01/1996



Você assistiu à Olimpíada de Barcelona?



André Luís Rezende

Minha 1ª vez no Tribuna

Nesses 30 anos, muita gente passou pelo Tribuna Ribeirão. Políticos, artistas, esportistas, pesquisadores e gente comum. Famosos e anônimos. Cada um, com suas histórias, dramas e sucessos pessoais, ajudou o jornal a registrar em suas páginas a biografia da cidade e região nas últimas três décadas.

O jornalista e empresário de comunicação e marketing André Luís Rezende foi um deles.

Na imagem reproduzida na capa deste especial, dos jornalistas que participaram da cobertura da rebelião da Cadeia de Vila Branca, em janeiro de 1996, ele está presente. Então estudante de jornalismo, André Rezende já atuava na Rádio CMN. Ele está bem ao centro na foto, de pochete e celular pendurados na cintura.

Seu nome apareceria pela primeira vez pouco tempo depois. E com destaque!

“André Luís Rezende e Alexandre Giachetto, alunos da 8ª etapa do curso de Comunicação da Unaerp, foram classificados entre os cinco finalistas ao Prêmio Líbero Badaró, na categoria Contribuição Universitária, com as reportagens ‘Rota Caipira’ e ‘Sistema Carcerário’. Ambas as reportagens tiveram orientação do professor Gil Santiago”.

Giachetto e Rezende eram, então, alunos da última etapa do curso de Jornalismo da Unaerp. Gil Santiago, que mais tarde escreveria “PRA-7, a primeira rádio do interior”, com André Luís, era professor de ambos. Aliás, até hoje continua na área universitária.

“Eu me lembro que fomos até Brasília, no dia da solenidade de entrega da premiação do Líbero Badaró, no Teatro Nacional. Tinham vários medalhões do jornalismo concorrendo nas categorias profissionais: o Caco Barcelos, o Marcelo Rezende, o Boris Casoy, o Heraldo Pereira, enfim, grandes nomes. Não ganhamos, mas já foi uma grande vitória estarmos ali, como finalistas e com aquelas pessoas”, lembra Rezende.

Antes do Líbero Badaró, os dois participaram com sucesso do Prêmio Expocom | Exposição de Pesquisa e Produção Experimental em Comunicação, festival destinado a estudantes de todo o Brasil. André Rezende foi o autor do trabalho sobre a Rota Caipira, enquanto Alexandre Giachetto, que desde 2013 apresenta o Jornal das 22, na RiT TV, participou com a matéria sobre o sistema carcerário.

Rezende considera até hoje um grande incentivo a nota publicada no Tribuna. “Sou muito agradecido. Foi uma grande moral para quem estava começando, isso para nós foi importante porque nos empolgou e animou ainda mais a fazermos um jornalismo bem-feito, bem apurado e dentro das boas práticas jornalísticas. Ajudou a abrir portas e buscar caminhos melhores na carreira e na vida”.

REPRODUÇÃO / TRIBUNA RIBEIRÃO

Net local

Prêmio

André Luis Rezende e Alexandre Giachetto, alunos da 8ª etapa do curso de Comunicação da Unaerp foram classificados entre os cinco finalistas ao Prêmio Líbero Badaró, na categoria Contribuição Universitária, com as reportagens "Rota Caipira" e "Sistema Carcerário". Ambas as reportagens tiveram orientação do professor Gil Santiago. A reportagem "Rota Caipira" já havia sido premiada na IV EXPOCOM.

Tribuna agitou estudantes

A criação do Tribuna Ribeirão, lembra Rezende, agitou os estudantes do curso de Jornalismo da Unaerp. “A gente ficou muito feliz porque era mais um veículo para trabalhar, com vários profissionais experientes. O mercado estava crescendo”. O slogan “um jornal com cara e coragem” foi motivo de identificação com os futuros estudantes. “Naquela época éramos todos aguerridos, querendo fazer coisas diferentes, mudar o mundo e mostrar as coisas erradas que aconteciam. Então nos identificamos com a proposta e o posicionamento do impresso”, conta Rezende, destacando que o Tribuna chegou até aqui sendo “o único jornal a circular diariamente na região”.

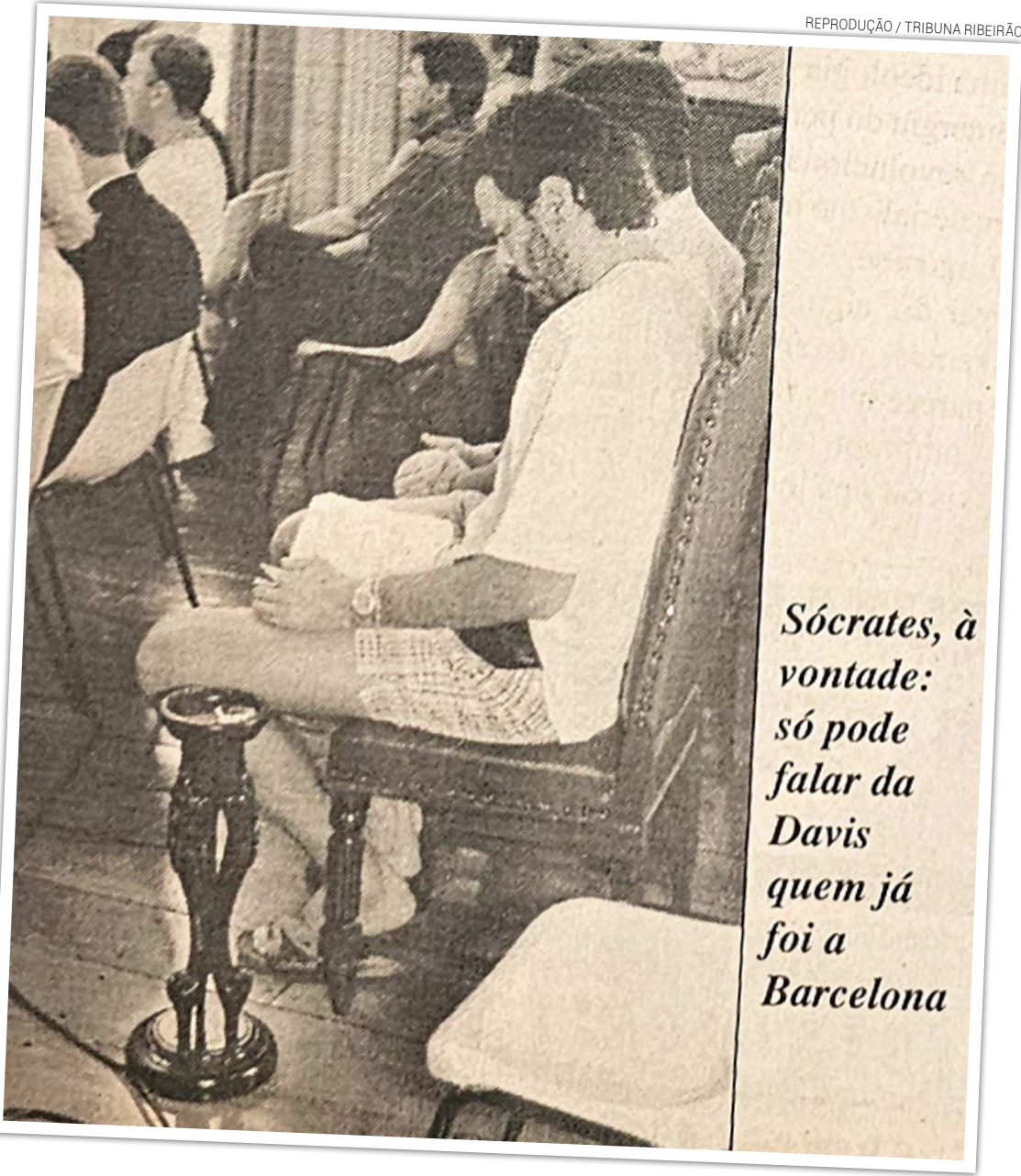
Na edição anterior deste especial “Tribuna Ribeirão – 30 anos”, relembramos episódios marcantes de Sócrates com o jornal: a antológica entrevista concedida logo nos primeiros dias de vida do impresso e um momento pessoal do diretor de jornalismo Eduardo Ferrari com o ex-jogador.

Mas, a relação do Doutor com o Tribuna não foi marcada apenas por grandes momentos. O mesmo ídolo que falou por horas em um bate-papo histórico e aceitou serenamente a falta de preparo dos aspirantes à *sommeliers*, deixou de comparecer a uma homenagem do jornal e respondeu rispidamente a uma pergunta do jornalista Hilton Hartmann, hoje editor-chefe do jornal.

O ano era 1997 e o prefeito Luiz Roberto Jábali havia convocado a imprensa para esclarecer critérios e motivos que levaram a administração municipal a patrocinar uma das etapas da Copa Davis, principal torneio de tênis entre seleções do circuito mundial.

Na época, seu filho Roberto Jábali era um dos integrantes da seleção brasileira, ao lado de Gustavo Kuerten, Fernando Meligeni e Jaime Oncins. O valor repassado dos cofres públicos à Confederação Brasileira de Tênis foi de R\$ 240 mil.

Questionado pela reportagem deste Tribuna, o Magrão saiu-se dizendo que “aquilo tudo era ridículo, que ninguém teria que dar explicação”. “Trazer a Davis é coisa para quem pensa grande, no futuro”, completou Sócrates, antes de inverter os papéis e questionar o jornalista. “Você assistiu à Olimpíada de Barcelona?”.



REPRODUÇÃO / TRIBUNA RIBEIRÃO

De bermuda e chinelo, Sócrates considerou desnecessário explicar à população os gastos públicos com a Copa Davis, em 1997

nar o jornalista. “Você assistiu à Olimpíada de Barcelona?”.

A resposta veio no próprio Tribuna, na coluna Parabólica, assinada por José Fernando Chiavenato. Sob o título de “Vantagens de Rei”, dizia: “Referência obrigatória para

intelectuais de botequim, o dublê de futebolista e médico Sócrates mereceu destaque especial. Compareceu à coletiva, no dito Salão Nobre da Prefeitura, de shorts, camiseta e chinelos. Autodidata em assuntos interplanetários,

deixou rolar seu lado absolutista. Recusou-se a falar aos simples mortais e apenas reclamou de ‘tanto barulho por causa de uma graninha de nada’. Falava da ‘insignificância’ de R\$ 240 mil. Que sua empresa ajudou a consumir”.

Gasto com a Copa Davis gerou polêmica

Ribeirão Preto sediou a série entre Brasil e Estados Unidos, pelas primeiras rodadas da Copa Davis de 1997, entre os dias 7 e 9 de fevereiro. Os jogos aconteceram em um ministádio construído ao lado do Tennis Country Club, reunindo grande público – cerca de 5.000 pessoas.

Para receber o evento, a cidade se comprometeu a repassar à CBT | Confederação Brasileira de Tênis uma verba de R\$ 240 mil. O gasto e outros supostos benefícios foram questionados pela oposição. “O acordo com a CBT foi feito na administração passada, em outubro”, defendeu-se o prefeito Luiz Roberto Jábali, pro-



DIVULGAÇÃO

Polêmicas fora de quadra e muito público, assim foi a Copa Davis em Ribeirão

prietário da imobiliária dona do hotel onde a delegação norte-americana que disputou a

Copa Davis ficou hospedada. E se fora das quadras a competição gerou polêmica,

dentro as coisas não foram como esperadas. O calor superior a 35 graus, que para o treinador Paulo Cleto seria a grande arma brasileira - ao lado da torcida e do piso de saibro -, não foi suficiente para passar pelos norte-americanos. E mesmo com a presença de Gustavo Kuerten, que poucos meses depois venceria o torneio de simples de Roland Garros, o Brasil foi derrotado pelos Estados Unidos por 4 a 1.

Com o resultado, o Brasil disputou a repescagem para se manter no Grupo Mundial no ano seguinte. Os jogos foram realizados em Florianópolis, terra de Gustavo Kuerten, contra a Nova Zelândia, com vitória brasileira por 5 a 0.

Ídolo não apareceu em festa dos 25 anos do título de 1977



DIVULGAÇÃO

Tribuna comprou passagens de Assunção a Ribeirão Preto, mas Aguilera preferiu não correr riscos de ser preso



ALEXANDRE BOGO / TRIBUNA RIBEIRÃO

Festa dos jogadores de 1977: cadê o Doutor?

Para marcar o início da circulação diária do jornal, em 2002, o Tribuna Ribeirão reuniu jogadores, comissão técnica e dirigentes do Botafogo na Taça Cidade de São Paulo de 1977, para comemorar os 25 anos daquela conquista.

Do Rio de Janeiro veio o comandante, Jorge Vieira. Direto de BH, o volante Mario. Do interior paulista chegaram o lateral-direito Wilson Campos, o xerifão Ney, os meias Osmarzinho,

João Carlos Traina e João Carlos Motoca. Morando em Ribeirão, o zagueiro Manoel, o volante Zito e os atacantes Arlindo, Zé Bernardes, Paulo César Camassuti e Maurinho Saquy, além do massagista Sebinho e do presidente Atílio Benedini.

Faltaram dois grandes ídolos, que aguardados até mesmo pelos ex-colegas não apareceram. Um deles o goleiro Aguilera, que chegou a ter as passagens aéreas do Paraguai, onde vive até hoje,

para Ribeirão Preto compradas pelo Tribuna. Na época, ele alegou ter sido convocado como preparador de goleiros para a seleção paraguaia que disputaria a Copa no mês seguinte, na Coreia do Sul.

Não era bem isso. Anos mais tarde, foi revelado o real motivo: medo de ser preso. Em 1978, após uma briga com a ex-companheira, Aguilera voltou ao Paraguai e levou consigo o filho Toti, então bebê. A mãe do garoto acusou o goleiro paraguaio

de sequestro, crime que poderia levá-lo para trás das grades.

O outro, à lá Tim Maia, foi o Doutor Sócrates. Sabendo do histórico do craque, a organização do evento se cercou de todas as garantias da presença. Fez vários pedidos, inclusive a patrocinadores que tinham ligação próxima a ele. De nada adiantou. No dia, a única imagem do Magrão foi aquela estampada nos diversos posters que decoraram o salão.



“Entre aspas”

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

“Não fui eleito para ser um banana”.



Laerte Alves, presidente do Botafogo. Na época, o ex-árbitro Wilson Roberto Catani acusou o então presidente de suborno. Catani teria recebido (cheques sem fundo) por suposto favorecimento ao clube, que naquele ano conquistou o acesso à Série A1. (1996)

“O PT acumulou mudanças profundas – não na ideologia – com a prática de governar, a prática parlamentar, sindical. É hoje um partido renovado e isso é positivo,



Antônio Palocci Filho, médico, vereador, prefeito de Ribeirão Preto por dois mandatos (1993-1996 e 2001-2002), deputado estadual, deputado federal, ministro da Fazenda (2003-2006) e ministro-chefe da Casa Civil (2011), sobre as mudanças entre o PT que o elegeu pela primeira vez e o então atual. (1996).

“Ayrton Senna era excessivamente rancoroso. Reginaldo Leme sofreu na mão dele, simplesmente porque era um grande amigo do Nelson (Piquet). O fato do cara ser amigo do Nelson para ele era o suficiente para ser inimigo”.



Chico Rosa, sócio do piloto Nelson Piquet. (1996)

“Dizem que comunista não tem pátria, família e religião. Por isso, Deus não tem autonomia sobre nós, não pode nos levar. E o demônio quer fiquemos por aqui por mais tempo”.



Luciano Lepera, jornalista, ex-vereador e deputado estadual pelo PCB. Faleceu em 2010, aos 86 anos. (1997)

“Não sou marketeira. Se fosse, com certeza, seria diretora de alguma empresa”.



Adriana Galisteu, ex-namorada do piloto Ayrton Senna, então falecido há pouco. Na época, estava em Ribeirão Preto para inaugurar um kartódromo com seu nome e divulgar o livro ‘O Caminho das Borboletas’. (1996)

“Sou um cidadão comum, igual a todos, com uma virtude – ou defeito – que é falar o que penso”.



Wilson Toni, jornalista, vereador, deputado estadual e secretário estadual de Promoção Social, durante o governo de Orestes Quércia (1988/1990). Faleceu em 2005. (1996)

“A conduta de alguns advogados, que recebem mensalmente de determinadas pessoas (...) Dos traficantes, dos bicheiros. São sempre os mesmos que são chamados. Será que eles são melhores advogados que os outros? É uma minoria, mas uma minoria que dificulta o trabalho de todos. Mas isso vai explodir”.



Moysés Cocito, delegado da Seccional de Polícia de Ribeirão Preto, então há cinco meses no cargo, prometendo uma “caça às bruxas” e declarando guerra ao jogo do bicho, com cadeia para contraventores e apostadores. (1995)

“Uma vez eu estava em Minas e uma senhora chegou e perguntou: ‘Nossa, o Vanucci é só isso?’. Foi muito engraçado e eu sempre conto esta história. Mas o Vanucci não é só isso”.



Fernando Vanucci, jornalista e apresentador de TV, do alto de seus 1,65m. (1995)